

O conceito de território usado aplicado a Guerra do Vietnã: técnicas hegemônicas e contra-hegemônicas nas geoestratégias de guerra

Maurício Tolstói dos Santos Ferreira¹

Resumo

A relação entre o uso da técnica e as horizontalidades e verticalidades no território é analisada para o caso da Guerra do Vietnã. O estudo do território usado do Vietnã, uma pequena nação do globo inserida brutalmente no sistema internacional durante a Guerra Fria, entre as décadas de 50 e 80, demonstra as intencionalidades que se mascaram nas atitudes e ações políticas dos atores hegemônicos, que manipulam decisões e configuram contrastes sociais. Desta forma, esse artigo propõe à crítica social do capitalismo, pilar principal que rege as desigualdades a nível mundial, voltando-se o olhar em específico para o Vietnã.

Palavras-chave: Guerra do Vietnã; Geoestratégia; Território Usado.

Introdução

O conteúdo desse artigo busca fazer uma relação entre o uso da técnica com as horizontalidades e verticalidades no território em tempos de guerra. Dessa forma, o território usado é discutido numa perspectiva geopolítica, particularmente para o caso da Guerra do Vietnã. Essa nação estava inserida em um contexto dialógico e contraditório, de uma lógica que já se encontrava presente no território e outra imposta e externa a realidade local dessa nação. Para tanto, o artigo se baseou em fontes bibliográficas de cunho científico, jornais e artigos, que fundamentaram um arcabouço teórico capaz de apreender a problemática proposta de relacionar a técnica com as dualidades das verticalidades e horizontalidades na produção/uso do do território vietnamita durante aquele conflito.

¹Graduando em Geografia (UFRN) e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET). Contato: kureescudotuscan@hotmail.com

O território como recurso geoestratégico

O território usado envolve objetos e ações, portanto, sinônimo de espaço humano, espaço habitado (SANTOS, 1998). Além da fluidez, o território demanda horizontalidades e verticalidades para seu funcionamento. Para Santos, o território é entendido sob a ótica da “Lei do Lugar”, ou seja, “o Território Normado” e o “Território como Norma”. O primeiro, se refere ao conjunto de normas impostas pelas empresas ao território alheio, no caso, os EUA foram os responsáveis por uma nova normatização do território vietnamita. O segundo, refere-se ao conjunto de normas existentes, “o espaço submetido a uma lei e um poder jurídico, (que) é normado por esse poder.” (SANTOS, 1994, p. 3). Contudo, a Guerra do Vietnã representou uma ação geopolítica de expansionismo dos países centrais.

Analisando o território usado de uma perspectiva geopolítica tem-se a seguinte dialética: “O território confere substância ao Estado, que sem ele é uma figura jurídica, uma intenção, mas não uma realidade histórica e social.” (CASTRO, 2009, p. 579). Para Michael Mann (*apud* CASTRO, 2009), centralidade e territorialidade formam a base do poder do Estado, onde o poder despótico e o poder infraestrutural se configuram a partir da conjunção desses dois fatores:

(...)o poder despótico consiste na extensão das ações que a elite estatal é capacitada a empreender sem a negociação de rotina, institucionalizada com grupos da sociedade civil, e o poder infra estrutural consiste na deriva das técnicas logísticas que ajudaram na penetração efetiva do Estado na vida social. (MANN *apud* CASTRO, 2009, p. 579).

A partir das reflexões de Mann, nota-se que os Estados Unidos assentados numa forma de poder infraestrutural instaurou no Vietnã um novo Estado legitimado pelo “poder despótico”, de forma que:

Guerras e conquistas territoriais colocavam o território e a geopolítica no centro das disputas entre os Estados neste período e os avanços tecnológicos consolidaram esta fonte de poder como a base do poder despótico do Estado. (*op.cit.*, p. 581).

A Guerra do Vietnã foi, ao mesmo tempo, um jogo de poder e de ideologia entre a União das Repúblicas Socialistas Soviética e os Estados Unidos da América, que apoiaram lados distintos nesse conflito. No caso norte-americano, “na década de 70 estava numa crise, proveniente da “subida do preço” do petróleo” (FIORI, 2007, p. 84). E

a União Soviética estava em alta no pós-Segunda Guerra Mundial, quando saiu fortalecida. Mas os EUA viram a oportunidade de reafirmar sua hegemonia:

A tendência histórica de toda sociedade em expansão, inclusive a daquela que atua dentro dos limites políticos que definem o perímetro do Estado, é incorporar novas terras e tudo o que contêm; quer dizer, acrescentar fatores de produção adicionais ao seu circuito econômico. (FIGHERA, 1994, p. 111).

Na citação está implícito o caráter hegemônico dos EUA pela via da conquista territorial, o país que mais conquistou territórios na era contemporânea. Sendo assim, as formas de conquista, a dominação econômica e a dominação política ou territorial, andam juntas no projeto hegemônico.

Além disso, o Vietnã serviu como um “celeiro de testes” das forças armadas dos EUA para o desenvolvimento de novas armas que, posteriormente aperfeiçoados, foram utilizadas em guerras seguintes, como: óculos de visão termal, napalm, satélites, agente laranja, dentre outros.

Vale salientar que o Vietnã passou por um período conturbado com a guerra, que deixou centenas de milhares de mortos e mutilados, sendo este um momento que ficou marcado para sempre na história da Indochina. De um lado, a União Soviética visava à implantação do regime comunista na Indochina apoiando o Vietnã do Norte, que tinha em Ho Chi Minh seu mentor principal e líder da revolução contra o regime colonialista da França, e de outro lado, os Estados Unidos apoiavam o Vietnã do Sul e seu líder Ngo Dinh Diem (MAIA, 2003).

Após a formação desses dois governos no Vietnã em 1954, um acordo feito em Genebra, em 1956, estipula a realização de eleições visando a unificação do território. Mas o governo do Sul não permitiu a realização das eleições, iniciando hostilidades para com o Vietnã do Norte. Em 1960, começa uma sangrenta guerra entre os dois regimes, com a criação da FLN (Frente Nacional de Libertação), de tendência socialista e em oposição ao governo de Saigon (Vietnã do Sul) (Figura 1).

Figura 1 – Localização do Vietnã



Fonte: Portal do São Francisco.

O Vietnã faz fronteira com China, Laos e Camboja, e durante a guerra os americanos adentraram ainda no Camboja e Laos. Entre Vinh Moc e Hoi An, encontra-se a “zona fronteira do conflito”, na planície do rio Danang, onde as tropas dos dois regimes se enfrentavam.

Os EUA imaginaram que o Vietnã pudesse representar evitar a crise pela apropriação de recursos naturais e a submissão do país à hegemonia americana. Se tornaria, assim, um ponto estratégico para a reafirmação do poder norte-americano na Indochina, além da oportunidade para se testar novos armamentos, com o intuito de demonstrar ao mundo poderio bélico e de dominação sobre outras nações. Os americanos só não contavam com a dura resposta vietnamita à invasão.

As verticalidades e horizontalidades permeadas pela técnica

Para sustentar o governo aliado de Saigon, os EUA resolvem intervir militarmente. A desculpa utilizada para iniciar a Guerra do Vietnã foi de um ataque a navios americanos no Golfo de Tonquim, fato desmentido pelo próprio New York Times. Tratava-se de manter sua influência na região, sustentando um regime capitalista diante das tentativas comunistas de implantação de um regime socialista.

Entendida a autonomia como “autonomia do estado, tanto na sua forma despótica quanto na infraestrutural deriva da sua capacidade única em prover uma forma de organização centralizada territorialmente.” (MANN *apud* CASTRO, 2009, p. 582), pode-se afirmar que em nenhum momento, a noção de autonomia estava vinculada ao projeto norte-americana para o Vietnã.

O território é uma porção da natureza, fragmento do espaço, por meio do qual uma sociedade reivindica direito de acesso aos recursos a serem explorados:

Designa-se por território uma porção da natureza e, portanto, do espaço sobre o qual uma determinada sociedade reivindica e garante a todos ou a parte de seus membros direitos estáveis de acesso, de controle e de recursos que aí se encontram e que ela deseja e é capaz de explorar. (GODELIER, 1984, p.112).

Com base na citação de Godelier, percebe-se que esses mesmos direitos foram negados aos cidadãos vietnamitas em nome da implantação de uma funcionalidade do território segundo interesses distantes. Santos faz uma correlação das horizontalidades e verticalidades na produção do território:

De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as horizontalidades. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as verticalidades. (SANTOS, 1999, p. 225).

Os EUA tentam impor verticalidades que são partes integrantes do território usado dos vietnamitas, moldando naquela região as normas, a política e a economia. Essas materialidades e imaterialidades, fruto das ações políticas de caráter hegemônico, vem a reboque da globalização e das formas de utilização da técnica emanada dos países centrais. Dessa maneira, ocorre uma relação contraditória no território, pois as horizontalidades determinadas pelas relações sociais (interligando o território) são subjugadas pelos norte-americanos que tentam impor as verticalidades, segundo uma lógica de relações de interesse global exógenos. Como cita Santos (1999, p. 228-229):

A tendência atual é no sentido de uma união vertical dos lugares. Créditos internacionais são postos à disposição dos países e das regiões mais pobres, para permitir que as redes se estabeleçam ao serviço do grande capital. Nessa união vertical dos lugares, os vetores de modernização são

entrópicos. Eles trazem desordem aos subespaços em que se instalam e a ordem que criam é em seu próprio benefício. E a união vertical – seria melhor falar de unificação – está sempre sendo posta em jogo e não sobrevive senão à custa de normas rígidas (...). Essa ação política pode em muitos casos ser orientada, apenas para um interesse particular e específico, frequentemente o da atividade hegemônica no lugar.

A técnica a serviço da guerra

O Vietnã foi vítima das perversidades impostas pelos atores hegemônicos. Quem realmente lucrou com essa guerra foram as empresas de tecnologia, medicamentos e, principalmente, de armas. Os Estados Unidos gastaram cerca 150 milhões de dólares nessa guerra, e para onde foi esse investimento e o porquê dessa guerra é o foco principal de discussão desse artigo. Para Santos (2003, p. 20), a economia globalizada funciona da seguinte forma:

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização.

A técnica guarda relação direta com o uso do território, e observa-se que no caso do Vietnã, havia dois extremos nessa guerra. De um lado, os Estados Unidos com a tecnologia de ponta e recursos financeiros abundantes, de outro, o Vietnã, utilizando até então técnicas rudimentares, a partir de ações de guerrilha, e com recursos financeiros limitados. A vantagem da técnica mais apurada teria tudo para fazer dos EUA o lado vitorioso:

A noção de hipertelia deve ser creditada a Simondon (1958), pai da idéia de objeto técnico concreto. Graças aos progressos da ciência e da técnica, construímos cada vez mais objetos com possibilidades funcionais sobredeterminadas. Esses objetos concretos tendem a alcançar uma especialização máxima e a obter uma intencionalidade extrema. (SANTOS, 1999, p. 33).

A guerra do Vietnã é marcada pelo início do período técnico-científico-informacional da história humana. Desta forma, por exemplo, o agente laranja foi empregado para desfolhar as florestas vietnamitas, e assim tirar o abrigo natural dos vietcongues. As imagens aéreas e de satélites para identificar os alvos. Entretanto, os americanos não conseguiram dar conta do exército vietnamita, que passaram a cavar túneis e armar

armadilhas para os americanos. Os americanos, acuados, sentiram a necessidade de ampliar os “ataques sistemáticos com o recurso do Napalm, foram feitos ataques sistemáticos a rede de diques” (LACOSTE, 1929, n.d.) de forma a eliminar os obstáculos naturais.

O Vietnã se defendeu de forma rudimentar, e posteriormente fez vencer a guerra contra os EUA, impondo o regime comunista para todo o país. Os Estados Unidos possuíam a ciência, a técnica e a tecnologia mais modernas, esta última resultante das duas outras. Mas os vietnamitas detinham o conhecimento do território, e ligados ao sentimento de nação, interligaram o território por meio de redes sociais, gerando horizontalidades. No final das contas, quem ficou indefeso nas florestas vietnamitas foram os soldados norte-americanos: “É desse modo que se associam e se defrontam normas e formas, compondo duas situações extremas: uma ação globalizada como norma, um território local como norma e uma variedade de situações intermediárias”. (SANTOS, 1999, p. 271).

A relação contraditória entre verticalidades e horizontalidades estava implícita no território vietnamita. Nas ações verticalizadoras de caráter hegemônico que tentava se impor no território, as bombas entravam como o vetor mais destrutivo.

A técnica pode ser usada tanto para construir como para destruir, e faz parte da natureza do homem saber como vai aplicá-la: “As técnicas são utilizadas em toda parte sem consideração pelos sistemas locais de recursos naturais e humanos e superpostos a realidades econômicas sociais diferentes.” (SANTOS, 1993, p. 35).

Os Estados Unidos retomam no Vietnã o uso indiscriminado de armamentos de destruição, mostrando assim uma aplicação indevida ou totalitária das técnicas:

A guerra da Indochina marca, na história da guerra e da geografia, uma nova etapa: pela primeira vez, métodos de destruição e de modificação do meio geográfico conjuntamente nos seus aspectos “físicos” e “humanos” foram executados para suprimir as condições geográficas indispensáveis à vida de várias dezenas de milhões de homens. (LACOSTE, 1929, p. 29).

Em 30 de abril de 1975 as tropas americanas deixam o Vietnã à despeito do maior poderio bélico e tecnologia. Em 1975 Saigon foi tomada pelos norte-vietnamitas ou vietcongues, sendo posteriormente mudada a capital para Ho Chi Minh. Um ano depois, os dois Vietnãs se uniram, formando a República Socialista do Vietnã.

O Quadro 1 compara as técnicas hegemônicas e contra-hegemônicas desenvolvidas na Guerra do Vietnã, bem como as distintas concepções de uso do território entre as partes beligerantes.

Quadro 1

Quadro comparativo dos fatores e das técnicas utilizadas no Vietnã, o que contribuiu para a derrota dos EUA.	
<i>Técnicas contra hegemônicas</i>	<i>Técnicas hegemônicas</i>
Estabelecia horizontalidades no território	Estabelecia verticalidades no território
Território ligado	Território desconectado
Estabelecimento de redes sociais	
Horizontal	Vertical
Rede de túneis	Vetores de ataques
Armadilhas	Napalm
	Agente laranja
Técnicas de Guerrilha	Satélites (filtro termal)
	Técnicas de Destruição em massa
Técnica rudimentar	Bombardeios sistemáticos
Nacionalismo forte	Técnica avançada (tecnologia)
Recursos naturais utilizados como esconderijo e defesa	País dividido, demonstrando insatisfação
	Destruição e contaminação de recursos naturais

Fonte: elaborado por Maurício Tolstoj, 2012.

Selecionamos algumas imagens famosas do conflito para retratar os efeitos sociais e ambientais das técnicas utilizadas pelos dois lados, além de suscitar uma série de discussões sobre as consequências dessa guerra no território vietnamita.

Figura 2 – Jornal do Brasil reporta o uso do Napalm na guerra do Vietnã



A foto da Figura 2 ficou conhecida pelo mundo, servindo para gerar uma insatisfação coletiva e campanhas pelo fim da guerra nos próprios Estados Unidos. A Figura 3 ilustra a configuração das redes de túneis usadas pelos vietcongues.

Figura 3 - Vietnamita demonstrando um túnel do conjunto de redes que interligava o território



Fonte: R7.com

Essas redes de túneis eram também redes sociais, demonstrando a resistência dos vietnamitas e a “conectividade” do território, contribuindo decisivamente para a inutilidade dos vetores de ataque norte-americanos (agentes laranjas e napalms) e para a derrota norte-americana.

Figura 4 – O uso devastador do Napalm



Fonte: Google Images.

O Napalm (Figura 4) é uma bomba incendiária que causa uma devastação colossal, queimando vários hectares de floresta nativa. Começou a ser utilizada no Vietnã em larga escala quando os soldados norte-americanos já não davam mais conta do exército vietnamita.

Figura 5 – O uso do agente laranja no Vietnã



Fonte: Google Images.

O agente laranja (Figura 5) se constituía num produto químico adquirido a partir de pesquisas com agrotóxicos, e sua principal função era desfolhar a floresta, para desabrigar os vietnamitas de seu esconderijo natural e, em seguida, permitir o uso do Napalm. Esse poderoso agente tóxico causa dois problemas gravíssimos; o primeiro, é que se acumula no ambiente, nos corpos d'água demoram cerca de 50 anos para se dissipar; o segundo, é que no corpo humano causa mutações genéticas, tanto para a pessoa que ingere a água desses mananciais quanto para aquelas que foram atingidas diretamente, e seus efeitos se demonstraram a partir dos descendentes diretos.

Considerações finais

Este trabalho proporcionou uma visão mais completa de como Vietnã se inseriu no contexto das relações de poder durante a Guerra Fria, e como a técnica respondeu aos diferentes usos do território implementados pelos lados beligerantes. Após a derrota norte-americana no Vietnã e os fracassos diplomáticos subsequentes, ocorre:

(...)um “efeito dominó” (...), pelo lado econômico, o fim do “padrão dólar ouro”, a subida do preço do petróleo, a perda de competitividade da economia norte americana e a primeira grande recessão econômica mundial, depois da Segunda Grande Guerra. Uma sucessão de acontecimentos que teriam fragilizado e desafiado o poder norte americano, provocando uma avassaladora resposta conservadora na década de 1980. (FIORI, 2007, p. 84).

O desastre norte americano no Vietnã, e em especial o escárnio público lançado sobre as forças norte-americanas que voltavam para um país irradamente dividido, exasperaram muitos oficiais e veteranos. Os militares foram acusados do uso de drogas, corrupção, atrocidades. Homens que haviam lutado heroicamente viam se acusados de serem “matadores de crianças. (TOFFLER, 1994, p. 61).

A técnica norte-americana utilizada de forma verticalizadora, gerou problemas até hoje sentidos por aquela nação. A geografia foi utilizada pelos dois lados da guerra, mas a melhor estratégia é a que definiu o resultado da guerra.

Referências

FIORI, José Luis. A nova geopolítica das nações e o lugar da China, Índia, Brasil e África do Sul. **Oikos - Revista de Economia Ortodoxa**, Rio de Janeiro, n. 8, ano VI, 2007.

GUIMARÃES, Maria Leda Lins, **A geografia no espaço tempo**. Natal: EDUFRN, 1996.

GODELIER, M. **L'idéal et le materiel**. Paris: Fayard 1984.

HAESBAERTH, Rogério. **O mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LACOSTE, Yves. **Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1993.

MENDONÇA, Francisco et al. (Orgs.) **Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação de defesa do meio ambiente e desenvolvimento de antonina (ADEMADAN), 2009.

SANTOS, Theotônio. **A Economia mundial: integração regional e desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço e Tempo. Globalização e meio técnico científico-informacional**. 5° Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 6° Ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção**. 3ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.

_____. **Desafio do Ordenamento Territorial e Região: Horizontalidades e Verticalidades (Fragmento de texto)**, 1994.

_____. et al. **Território, Globalização e Fragmentação**. 4 ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

TOFFLER, Alvin. **Guerra e Antiguerra: sobrevivência na aurora do terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

MAIA, Raul. **Editor Educar: programa de estudo e pesquisa**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.

Recebido em Abril de 2012.

Publicado em Julho de 2012.